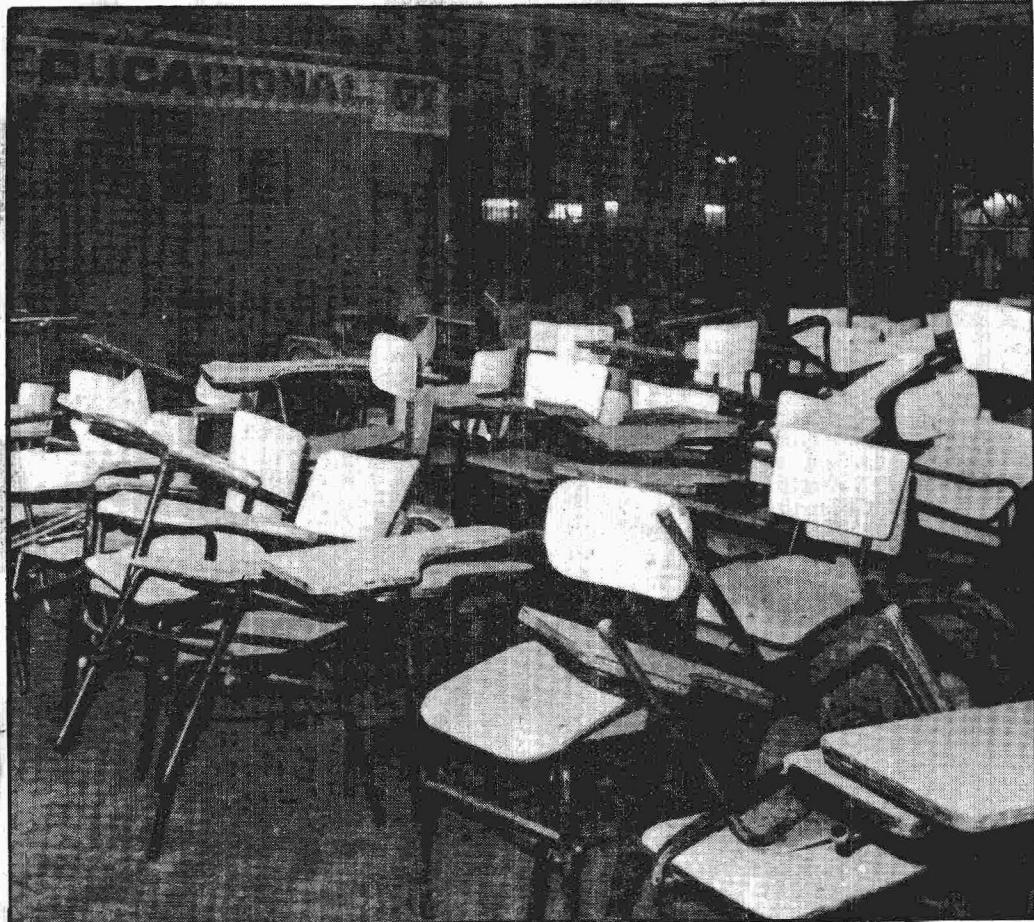
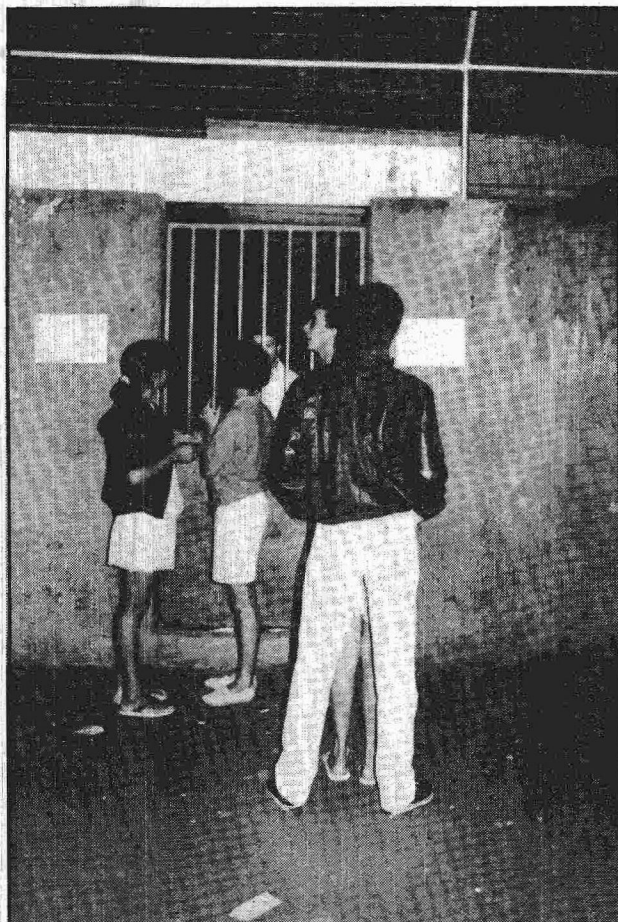




No Centro de Ensino 7, na Ceilândia, muros altos e arames farpados são insuficientes para conter o clima de violência e destruição

Ensino noturno: a lição do medo

Renan de Oliveira

Estudar à noite em Ceilândia é uma aventura perigosa para os alunos matriculados nas escolas da Fundação Educacional do Distrito Federal (FEDF). No primeiro dia de aula um grupo deles foi recebido à bala no portão do Centro Educacional 7, às 19h35 de segunda-feira. No Centro de Ensino 7 não houve tiros, mas também não houve aula; faltavam lâmpadas nas salas.

Problemas como esses — violência do lado de fora e falta de condições dentro da escola — são crônicos em Ceilândia, a maior, mais pobre e mais violenta cidade-satélite de Brasília, com cerca de 500 mil habitantes. Pior ainda, os estudantes lutam contra deficiências pedagógicas poderosas: ter por modelo o herói de tevê He-Man e receber comunicados de direção de escola com 13 erros gramaticais em 11 linhas.

O tiroteio de segunda-feira foi testemunhado pela equipe de reportagem do *Jornal de Brasília*. A cena durou segundos. Um homem não identificado deu cinco tiros de revólver, provavelmente calibre 22, a esmo, a cerca de 50 metros do portão. Ninguém saiu ferido. O atirador fugiu, protegido pela escuridão — as lâmpadas do pátio externo da escola estavam apagadas. Não havia policiamento no local. Os alunos que assistiram a cena entraram correndo na escola, divertindo-se com a confusão.

Fundação

O professor Elisio Márcio de Oliveira, assessor da FEDF, disse ontem que "a violência extrapola a dimensão da escola. Tem um conjunto de variáveis muito grande. Todas as medidas que o Governo toma são paliativas. Há uma grande insatisfação social e revolta entre a população de Ceilândia. Nada podemos fazer. Uma comissão governamental está estudando o problema".

Oliveira informou ainda que as aulas começaram normalmente em toda rede dos complexos educacionais A, B e C de Ceilândia. E que o Centro de Ensino 7, pertencente ao Complexo A, onde faltaram lâmpadas, tinha o material em estoque. Não soube explicar porque não tinham sido colocados a tempo da primeira aula, segunda à noite. Ontem, a escola funcionou.

Insegurança

O Centro de Ensino 7 — que abriga cerca de 600 alunos da 5ª a 8ª série do 1º grau, com idades entre 15 e 20 anos, mais parece um campo de concentração.

O prédio está cercado por um muro de concreto de dois metros de altura. Um portão de ferro com grades permanece sempre trancado. Dois PMs policiam o prédio armados de revólveres e cassetetes. Eles identificam cada aluno que entra — e têm a tarefa de impedir que marginais entrem e depredem tudo, como aconteceu em agosto do ano passado.

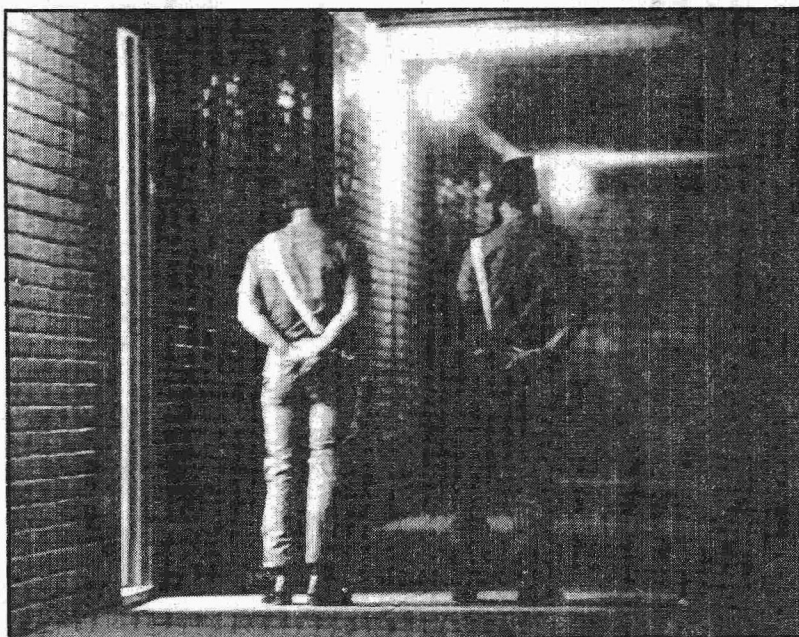
A obra mais expressiva da Fundação Educacional para este ano letivo é surpreendente: uma cerca de arame farpado de um metro de altura, plantada em cima do muro de dois metros, tornando o perímetro da escola inexpugnável.

Medidas de segurança tão rigorosas são necessárias, segundo a diretora, Marisa de Moraes. Ela garante que os alunos não se metem nas brigas que, às vezes, começam do lado de fora, nos barracos das redondezas, e acabam nas salas de aula: "Grupos armados já invadiram a escola (em 85 e 86) para prender alunos com quem têm rixas lá fora, mas isto está melhorando".

HeMan e gramática

Na entrada da sala da diretora há um grande cartaz do He-Man (herói de programas de tevê) incentivando os alunos ao estudo. Ele aparece montado num enorme tigre vermelho, com um metro de altura, com os dizeres: "Para vencer a vida, lute. Lute com forças para ter boas notas e só assim terá um lugar melhor, entre os bem sucedidos. Boa sorte".

O texto de He-Man tem erros. Mas maiores e mais graves são os 13 erros cometidos pela direção do Centro Educacional 7, do Complexo C, num comunicado de apenas 11 linhas que enviou aos 800 alunos de sua 20 turmas de 2º grau, no 1º dia de aula.



Enquanto a PM faz o policiamento ostensivo, os alunos do curso noturno só saem em grupos

Tudo funciona ao contrário

Tudo no Centro Educacional parece que funciona ao contrário. O relógio da parede da sala da direção marcava 11h25 de domingo, às 19h40 de segunda. Falta de pilha, explica um funcionário. Em cima do armário, o secretário exhibe um facão com lâmina de 50 centímetros "que eu uso para desestimular qualquer mal intencionado" — referindo-se a invasores ou assaltantes.

As listas com a indicação das salas de cada aluno estavam afixadas na parede sob uma única lâmpada (Osram de 150 velas), tornando difícil a leitura. Os alunos da noite rasgaram as listas com os nomes da turma da tarde. Em cada sala, a mesma confusão de cada início de ano. Novas turmas, gente que não se conhecia, novos professores. E mais problemas. A sala 11 só tinha quatro das 12 lâmpadas funcionando, parecia uma boate. Na 12, só havia 25 cadeiras para 40 alunos.

Na sala 18, vidros quebrados. Num galpão nos fundos, cerca de 500 carteiras quebradas — desde 1985. A sirene que tocou às 7h48 (quando deveria ter tocado — às 19h30) parecia mais um sinal de alerta, usado em carro de bombeiro. Na sala 5, o quadro-negro estava quebrado bem no centro remendado com um pedaço de cartolina.

Mais fortes protegem meninas

Os alunos que estudam à noite na Ceilândia, temendo a violência que cerca as escolas, só chegam e saem aos grupos, solidários. Os rapazes mais fortes protegem as meninas. As meninas nunca andam sozinhas, regra de ouro.

Ari Rogério, que já foi assaltado duas vezes, ri do caso. "Levaram duas jaquetas, o dinheiro da passagem e a minha mochila com os cadernos. Ainda bem que não me mataram". Ele está na 1ª do 2º grau. Diz que gosta da escola. "Não tenho na mente o que vou ser quando sair daqui".

Nixon Mendes, 18 anos, cabelo igual ao do Michael Jackson, fala da escola: "É boa, mas não é uma maravilha". Quando terminar quer montar uma oficina de eletrônica. Cleice Fernandes, 20 anos, grávida de oito meses, da mesma turma: não quer nada, só estudar e cuidar do primeiro filho. O marido é cobrador de ônibus. Só vem acompanhada da cunhada, porque teme ser assaltada.

Entre os 800 estudantes do sétimo há dezenas de garotas bonitas. Algumas pintadas de maquiagem, pernas à mostra, blusas provocantes, olhares maliciosos. O professor Camargo, de Ciências, tenta animar o pessoal da sala 7: "Observem a limpeza da sala. É importante, contamos com vocês para conservá-la". Nas camisas dos alunos algumas identificações das tribos a que pertencem: "Admiral's Cup", "Dallas", "I Love Coke", "Singapore", "Mamma Carmela", "Transportadora Manique", "Açogue Maneco".

Ninguém gosta de falar sobre a pobreza de Ceilândia, da pobreza de onde vêm, das condições da escola. Preferem desviar o assunto. Um grupo de rapazes persegue a reportagem e conta histórias macabras — e mentirosas sobre assaltos e estupros nas imediações do colégio. Querem chamar atenção. Rápida enquete política:

Evasão

Dois professores que não quiseram ser identificados fizeram um perfil do aluno que frequenta as escolas públicas à noite: "São pessoas pobres, que trabalham, que têm alto grau de responsabilidade. Lutam para subir na vida, mas se sentem desestimuladas pela pouca atenção que o Governo dá às escolas da periferia", afirma um deles.

Outro depoimento: "Eles vêm para a aula esperando que a gente seja o pai e amigo que não têm. Mas nós temos os nossos problemas, ganhamos pouco, estamos cansados, enfrentamos a carência de material. Nos esforçamos ao máximo, mas nossa contribuição acaba sendo pequena para o destino deles".

O professor Oliveira, assessor da FEDF, mostra os números da evasão escolar em Ceilândia. Este ano, as 78 escolas têm uma previsão de matrícula de 100 mil 529 alunos no 1º e 2º graus (8 mil 935 nos cursos noturnos), nos complexos A (22 escolas), B (31) e C (25). No ano passado, de cada 100 alunos do complexo A, 23 abandonaram a escola antes do fim do período letivo. No B, 27, no C, 33 (justamente na área mais perigosa, onde está o sétimo centro educacional).



No Plano Piloto, nova experiência

Longe das péssimas qualidades de ensino, a Fundação Educacional desenvolve experiências pedagógicas em diversas escolas do Plano Piloto. "O objetivo é poder referenciar uma prática mais eficaz do sistema de ensino". Conforme a pedagoga Maria Inês Lopes, são cerca de oito escolas não vinculadas aos complexos escolares, que estão ligadas diretamente ao Departamento Geral de Pedagogia da Fundação.

Estas escolas têm diferentes currículos e carga horária diferenciada. Uma delas é o Centro Educacional do Setor Oeste (Ceso) de segundo grau. Esta escola surgiu em 1986, por iniciativa de um grupo de professores da Fundação Educacional, com experiência em escolas particulares. Depois de chegarem à conclusão de que o aluno da rede pública de ensino tem dificuldade de entrar em universidades federais, o grupo decidiu optar por um ensino de boa qualidade.

Mas, segundo o diretor do Ceso, Mário Coutinho, o processo ainda está em fase de experiência. Os resultados só serão conhecidos no final deste ano, quando seus primeiros alunos concluírem o segundo grau e partirão para o primeiro vestibular na UnB. Ele adiantou que está sendo satisfatório o aproveitamento dos alunos.

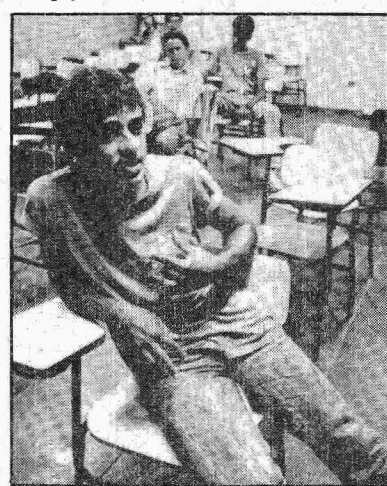
A escola foi criada com base na lei 7.044/82, que permite que o ensino de segundo grau não seja especificamente um curso profissionalizante, como é o sistema adotado, hoje, pelas escolas públicas. Segundo Mário Coutinho, a coordenação do Ceso adotou um sistema sem terminalidade e que dá condições do aluno prosseguir. "Queremos mostrar que a escola pública pode fazer um bom trabalho e oferecer uma boa qualidade de ensino", disse ele.

Diferenças

O programa da escola se baseia na coordenação por disciplinas que, de acordo com o diretor, é fundamental para que o trabalho se desenvolva. Ele disse ainda que tudo é feito em equipe e com uma grande participação do aluno. E outra diferença que ele aponta, em relação às outras escolas públicas, é a carga horária. São 32 horas de atividades por semana, enquanto os outros estabelecimentos da rede oferecem apenas 27 horas semanais. Isso resulta em uma diferença de 180 horas de aulas a mais, durante o ano.

Para os alunos, o ensino é perfeito. "O nível é muito bom, os professores são excelentes e o entrosamento com os alunos é muito grande", garante a estudante Adriana Araújo, de 17 anos, que cursou a segunda e terceira séries na escola. Na sua avaliação, o Ceso "realmente" prepara o estudante para o vestibular. Ela vai prestar seu primeiro vestibular na UnB, no dia 23 e lembrou que vários colegas já foram aprovados nos vestibulares do Ceub e UDF.

Além desta escola, a Fundação conta ainda com outras de experiências pedagógicas como a Escola de Música de Brasília, Colégio Agrícola de Brasília, Centro Interescolar de Educação Física, Escola do Parque da Cidade, entre outras.



Ari: "Ainda bem que escapei"

Presidente Sarney, quatro ou cinco anos de mandato? Oito a um para os quatroanistas.

Sandra Regina, 17 anos: "Vocês só vêm aqui fazer reportagem para dizer que tudo está estragado. Nós também sabemos fazer coisas boas". Ela mostra o muro pintado pelos alunos no ano passado.

Estão perto do portão, em tamanho gigante: Um monstro verde com rabo vermelho olha para uma selva de pedra onde um sol se esconde (ou estaria nascendo?). Super deprê. Autoria da turma "J" da 8ª série de 87. Outro, da 8ª "F": uma enorme pomba branca levando uma flor no bico, voando sobre um livro aberto. Na página lê-se «fome e miséria, realidades de nosso mundo que só causam destruição».

Gratificar muros parece ser a especialidade de todos na Ceilândia. No Centro 11, na QNN 24/26, o muro é um texto só. No portão de ferro azul alguém escreveu «Papuda 2», numa alusão ao presidio. Kid Farçante (com ç), Kazuza dos Bobos, Wyht dos Cruéis, Eliana e Lorival se amam. Déia ama Norton.